

## CONTOS ORAIS E MANUTENÇÃO DA CULTURA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA AMPLIAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

Julie Ane de Araújo Lemos<sup>1</sup>

Maria Beatriz Silva<sup>2</sup>

Amanda Emanuelle Dos Santos Sousa<sup>3</sup>

Glendha Karoliny Araújo da Silva<sup>4</sup>

Orientadora: Hilda Mara Lopes Araújo<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo discorre acerca da ação mediadora da contação de história no processo de ampliação do capital cultural, tendo como objetivo geral analisa-la a partir da sociologia de Pierre Bourdieu. Nesta perspectiva, propõe-se a identificar aspectos que contribuem para tal processo, analisar a trajetória histórico-social da prática de contação de história, ressaltando sua importância para a manutenção da cultura e ressaltar as características de uma contação de história que favoreça a expansão desse capital, pretendendo responder ao questionamento: Como a prática da contação de história contribui para ampliação do capital cultural? A metodologia utilizada para obtenção e construção de materiais que constituem este artigo serviu-se da pesquisa bibliográfica. Evidenciou-se que a valorização de narrativas locais na contação de história contribui com a ampliação do capital cultural, pois agrega aspectos da cultura do ouvinte.

**Palavras-chave:** Contação de história, cultura, capital cultural, Pierre Bourdieu.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo discorre acerca da ação mediadora da contação de história no processo de ampliação do capital cultural tendo como objetivo geral analisa-la a partir da sociologia de Pierre Bourdieu. Nesta perspectiva, propõe-se a identificar aspectos que contribuem para tal processo, analisar a trajetória histórico-social da prática de contação de história, ressaltando sua importância para a manutenção da cultura e ressaltar as características de uma contação de história que favoreça a expansão desse capital, pretendendo responder ao questionamento: Como a prática da contação de história contribui para ampliação do capital cultural? Tem-se como pressuposto que a contação de história proporciona ao sujeito ouvinte um espaço através do qual se tem acesso a valores, conhecimentos, crenças, linguagem, costume, história, dentre outros aspectos que compõem

<sup>1</sup> Graduanda do Cursode pedagogia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, bolsista do Programa de Educação Tutorial e pesquisadora do ICV, julie.18anee@gmail.com@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda do Cursode pedagogia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, bolsista do Programa de Educação Tutorial, mbeatriz\_silva@outlook.com;

<sup>3</sup> Graduanda do Cursode pedagogia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, bolsista do Programa de Educação Tutorial, amandamanuelle17@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduanda do Cursode pedagogia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, bolsista do Programa de Educação Tutorial, glendha.araujo1999@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutora pela UFRN, Profa. Adjunta da Universidade Federal do Piauí, hildamara2@hotmail.com, Tutora do Programa de Educação Tutorial-PET/Pedagogia.

determinada cultura. A partir disto, justifica-se a importância da valorização de histórias locais, a fim de oportunizar ao interlocutor o contato com sua própria cultura, valorizando-a.

Para discorrer acerca da trajetória histórico-social da prática da contação de história, esta pesquisa ancorou-se nos autores Busatto (2003) e Bettelheim (1980), buscando explicitar a relevância desta prática para a manutenção da cultura de um grupo social, bem como a relação entre a contação de histórias e o sujeito-ouvinte.

Ademais, também dissertam a respeito da sociologia da educação de Pierre Bourdieu, mantendo o foco na discussão acerca das bagagens socialmente herdadas pelos indivíduos e, mais especificamente, no capital cultural, seus tipos e processos de aquisição. Para tanto, ancorou-se nos autores Nogueira e Nogueira (2016), Nogueira e Catani (2007), que pesquisam acerca desta temática, e Laraia (2001) que discorre acerca da cultura.

A justificativa desta investigação dá-se a partir do contato que os respectivos autores tiveram com este tema através do Projeto “Uma viagem ao mundo do ‘Faz de Conta’: contar histórias como uma proposta de intervenção socio-educativa”, desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, bem como de experiências com a contação de histórias em ambientes externos à Universidade. A partir dessas vivências, foi possível constatar que o ato de contar histórias está muito além de um entretenimento infantil, antes é uma atividade que envolve aspectos sociais, educacionais, psicológicos, cênicos, musicais, dentre outros.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para obtenção e construção de materiais que constituem este artigo serviu-se da pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008, p. 50) trata-se de um método no qual a investigação “se desenvolve a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos”, permitindo ao pesquisador ter contato com grande variedade de teorias sistematizadas e análises de dados já realizadas, possibilitando a construção de novos conhecimentos a partir do entrecruzamento dos estudos utilizados para a efetivação da pesquisa.

## **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS E MANUTENÇÃO DA CULTURA**

Ao falamos das produções humanas nos referimos à produção de cultura, que segundo Edward Tylor compreende todo um “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte,

moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871, p. 1, apud LARAIA, 2001, p. 25). Ou seja, a compreensão de todos os sentidos da ação humana integrada em sociedade pelo adquirir e transmitir conhecimentos, isto é, em pleno convívio com outros de sua espécie.

Segundo este autor, a palavra “cultura” é uma sintetização de outras duas que dão sentido a esta, a primeira, “Kultur”, dá sentido aos aspectos espirituais de uma comunidade, e a segunda, “civilization”, representa as realizações materiais de um povo. Assim, “cultura” para este autor representa todas as possibilidades de construções em sociedade na vida dos indivíduos, deixando esclarecido o caráter de aprendizado constante.

O ato de contar histórias oralmente vem sendo, ao longo dos anos, caracterizado enquanto arte, instrumento de entretenimento infantil, estilo literário (BUSATTO, 2003), como instrumentos de socialização, recurso pedagógico e até mediador da formação leitora da criança. Encontramos, ainda, outras definições para este ato tão difundido analisando as raízes da tradição oral dos povos antigos. A título de exemplo, os povos orientais, consideravam que nos contos orais estavam “contidos o conhecimentos e as ideias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças” (BUSATTO, 2003, p. 17), admitindo um caráter curativo que incitava a reestruturação do desequilíbrio emocional que provocava as doenças físicas do povo.

Além do caráter curativo, segundo o autor, os povos orientais acreditavam que os contos transmitidos oralmente continham a cultura de determinado povo, por explicitar seus conhecimentos e ideias. Dessa forma, ao contar histórias, o transmissor estaria contribuindo para a manutenção de sua cultura, imprimindo nos demais integrantes de determinado grupo social os seus costumes, crenças e saberes construídos até o momento, sendo, portanto, o conto oral “uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade” (BUSATTO, 2003, p. 28).

Assim, a contação de histórias pode ser entendida como uma prática decorrente da existência humana, uma ferramenta de transmissão de cultura, utilizada por muitos povos e comunidades para o ensino de suas tradições e conhecimentos, instruindo os componentes de determinado grupo a respeito de suas construções, passadas de geração em geração para que estes possam manter viva a lembrança de onde vieram. Sendo assim, o resultado do que somos é muito mais fruto dos que vieram antes de nós do que das nossas próprias ações. Portanto, o que determina o que e quem somos, é fruto da cultura que fomos inseridos ao

nascermos, são os ensinamentos transmitidos pelas várias ferramentas de ensino aprendizadas pelos grupos sociais.

Ao falarmos da contação de histórias como um processo lúdico informativo constituído pelas produções humanas, admitimos um sentido estruturante que envolve e molda os indivíduos em sistemas de transmissão oral de um conhecimento, vivenciado pelos antecessores ou criado com base no sentido presente na realidade, e transmitido ao longo de gerações, que em sua maioria intencionalmente instruem quanto: às regras, responsabilidades, sentidos, costumes, hábitos, que estes sujeitos em formação necessitam aprender para um crescimento individual e social.

A necessidade de criar e contar contos surgiu a partir da necessidade do ser humano de explicar a origem e razão de sua existência (BUSATTO, 2003), levando-os a construir crenças a partir dos conhecimentos que tinham acerca de si mesmos e da natureza. Desta forma, ao verem um trovão, o fogo, a chuva, e observando e descobrindo cada vez mais aspectos que envolvem a existência humana, a imaginação ocupou-se de formular explicações (fantásticas) para esses eventos.

No entanto, ainda que os contos fossem transmitidos oralmente de geração a geração, durante séculos e milênios, com o objetivo principal de transmitir conhecimentos construídos pelos antepassados, conservar suas crenças e preservar sua cultura e costumes, as histórias sofreram alterações, adaptando-se ao tempo e espaço em que se encontrou e encontra, “porque o conto se molda ao contexto onde ele é narrado e, como um camaleão, vai se adaptando às cores e aos tons de cada povo” (BUSATTO, 2003, p. 28). Essas transformações se dão tanto pela subjetividade de cada cultura que narra o conto oral, quanto pelo acréscimo de conhecimentos e saberes que o ser humano construiu ao longo do tempo, atualizando suas crenças e modificando sua cultura.

Outra característica relevante a respeito da contação de história é acerca da diversidade de seus contadores. Uma vez que todo o povo tinha e tem acesso às histórias, sejam mitos, contos de fadas, lendas ou fábulas, os contadores de histórias não limitam-se a anciões, sábios, estudiosos e bem-nascidos, mas abrangem os “mais simples camponeses, lavadeiras, amas, pescadores” (BUSATTO, 2003, p. 24), vizinhos, trabalhadores rurais, avós, mães e crianças. Os contadores de histórias estão em todo lugar - somos todos nós. Assim como a cultura, o conto oral pertence a todos os indivíduos pertencentes a determinado povo. Como relata Busatto (2003), os livros clássicos com contos orais foram construídos a partir da

contação de pessoas simples, ressaltando a apropriação destas narrativas e da cultura por todos os sujeitos.

## O CAPITAL CULTURAL EM PIERRE BOURDIEU

A teoria crítico-reprodutivista de Pierre Bourdieu discorre acerca das desigualdades entre as classes sociais. De acordo com o autor há diferenças fundamentais entre as Classes Altas, Classes Médias e Classes Baixas além da evidente diferença de posses financeiras. As Classes Altas “ocupam as posições dominantes da sociedade” (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016, p. 69), são mais bem providas de capital econômico, capital social e capital cultural e têm, segundo Bourdieu, na base de suas condutas o princípio da “distinção”, ou seja, a “busca por se diferenciar dos demais (isto é, do vulgar), nas diversas esferas da vida social” (idem, ibidem, p. 68).

As Classes Médias, também chamadas de “pequena burguesia”, é constituída por um conjunto de categorias sociais que ocupam a posição intermediária entre as Classes Altas e as Classes Baixas, “o que determina uma situação de tensão e de equilíbrio instável entre os dominantes e os dominados” (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016, p. 62). As Classes Médias são divididas em três frações: “a ‘pequena burguesia em declínio’, a ‘pequena burguesia de execução’ (ou de promoção), e a ‘nova pequena burguesia’” (idem, ibidem, p. 63).

As Classes Baixas, também denominadas como “classes populares”, ocupa a posição mais baixa e dominada do sistema de classes sociais, e caracterizam-se, principalmente “pelo pequeno volume de seu patrimônio, qualquer que seja o tipo de capital considerado” (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016, p. 59). Dessa forma, suas condições de existência implicam em um estilo de vida definido pelas “pressões materiais e pelas urgências temporais” (idem, ibidem, p. 59), que justificam a chamada “lógica da necessidade”.

Essas diferenças entre as classes são justificadas, segundo Bourdieu, pelas bagagens socialmente herdadas, as chamadas “heranças familiares” (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016). Essa bagagem é herdada pelos sujeitos por seus pais ou responsáveis diretos, influenciando na sua linguagem, cultura, financeiro, relações sociais e, inclusive, interferindo no seu sucesso ou fracasso escolar. A bagagem é constituída pelo que Bourdieu denomina como capital cultural, capital econômico e capital social.

Capital econômico diz respeito aos bens que o indivíduo possui e os serviços a que eles dão acesso. O capital social trata-se “dos relacionamentos sociais influentes mantidos

pela família”. Por fim, o capital cultural, que está em foco nesta pesquisa trata-se da apropriação da cultura dominante, como, por exemplo, o domínio da língua culta, o “bom gosto” e o conhecimento e a sensibilidade a obras artes (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016).

Este último capital pode, ainda, existir sob três estados, sendo eles: o incorporado, “ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo”; o objetivado, “sob a forma de bens culturais” (NOGUEIRA E CATANI, 2007, p. 74); e o institucionalizado, que vem a ser uma “a objetivação do capital cultural sob a forma do diploma” (idem, ibidem, p. 78).

A partir destas desigualdades, Bourdieu retrata a dominação das Classes Altas a partir da legitimação da própria cultura, ressaltando as implicações destas desigualdades no sucesso e no fracasso escolar de cada sujeito (NOGUEIRA E CATANI, 2007; NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016; NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002). Assim, para Bourdieu, a posse do capital cultural contribui para bom desempenho escolar, uma vez que “facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos (intelectuais, linguísticos, disciplinares) que a escola veicula ou sanciona” (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016, p. 52). Ou seja, a cultura da classe dominante é veiculada e sancionada, legitimada, principalmente através da escola, pois esta seria “uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes” (idem, ibidem, p. 71).

Desta forma, as classes dominadas teriam seu desempenho escolar influenciado pela bagagem cultural que possuem, estando “destinadas” ao fracasso escolar. Assim, percebe-se a importância de serem criados espaços que facilitem o contato com dessas classes dominadas com a cultura dominante, valorizada e legitimada, a fim de que tenham acesso a novos patamares da vida social, garantidos pelo sucesso escolar e seguido de um bom emprego.

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A AMPLICAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL**

Como “uma das formas de expressão artística mais democráticas” (BUSATTO, 2003, p. 17), as diferentes contações terão diferentes efeitos nos diferentes sujeitos, uma vez que cada sujeito é subjetivo e, por isso, interpretará as histórias segundo suas vivências e saberes. Como corrobora Bettelheim (1980, p. 20) acerca especificamente dos contos de fada: “o significado mais profundo do conto de fada será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida”, pois as vivências e experiências vividas agregam saberes e formas de pensar que transformam cada sujeito e, dessa forma, influenciam também os olhares e as interpretações que cada pessoa lançará sobre as diversas narrativas nos diferentes momentos de sua vida.

Não obstante, apesar de cada ato de contar história ser diferente (embora com a mesma narrativa) por se tratarem de públicos diferentes, e esses públicos serem formados por pessoas diferentes, as contações trazem em si algo em comum: todas carregam valores, conhecimentos, crenças e um tanto de outros aspectos que caracterizam um povo. Sejam aspectos morais, artísticos, sociais, relacionais, estruturais, educacionais ou religiosos, cada história contada carrega em si uma cultura.

É interessante pensar em como as histórias vieram de lugares tão distintos e distantes, mas tão logo adentram a nossa cultura, são modificados ao longo do tempo, adaptando-se ao contexto histórico e local. Portanto, a história contada, os contos de fada em particular, passam a carregar características do povo que as criaram e dos povos que as contam, tornando-a única no mundo inteiro, ajustando-se à sua nova realidade. E ao ser transmitida de geração a geração, ou ao ser recontada a diferentes públicos, a história se transforma e se modela, porque é flexível às vivências de seu público. Como corrobora Busatto (2003, p. 17), “é a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ele [o conto oral, ou a história contada] vai soar”.

Como exemplo, é possível citar contos de fada, criados em outra época, nativos de terras distantes, em culturas diferentes da brasileira. Alguns desses contos apresentam personagens loiros, damas em perigo à espera de um cavalheiro/príncipe que as salvem. Em nossa conjuntura atual, as leituras feitas destes contos identificam racismos e machismos, levando a criação de adaptações destas histórias.

“A Bela Adormecida”, por exemplo, ganhou recentemente uma adaptação para o cinema intitulada “Malévola”. Nesta versão, Malévola, sendo a bruxa má (e personagem principal da trama), lançou o feitiço sobre a princesa. No entanto, após acompanhar todo o seu crescimento, a “vilã” acabou se afeiçoando à criança alvo de sua maldição. A então jovem princesa, criada por Malévola escondida na floresta, conhece um jovem e se apaixona. Uma das principais críticas ao conto original se manifesta no momento em que a jovem adormecida necessita do beijo de amor verdadeiro para ser acordada e o beijo do seu amado não surte efeito. Mas é a Malévola quem consegue acordá-la de seu sono profundo.

Não obstante, outras adaptações estão sendo feitas e manifestadas, principalmente, nas redes sociais e em produções cinematográficas, onde os personagens são apresentados como negros, cabelos cacheados e olhos castanhos, adquirindo as características do povo local, que entendem a importância da identificação dos ouvintes e telespectadores das referidas histórias.

A respeito do aprendizado, fazendo referência à contação de história como prática educativa e ancorando-se no modelo de educação proposto pelas metodologias ativas (MORAN, 2018), que se fundamenta no Paradigma Emergente (BEHRENS, 2013), é importante que o contador de história, enquanto educador, preocupe-se em compreender o contexto social, histórico, cultural que cerca seus ouvintes, a fim de proporcionar narrativas, palavras e comentários que se adequem à sua realidade.

Desse modo, facilitará a compreensão por partes destes, bem como fará com que sintam-se participantes da história. Da mesma forma, proporcionará uma contação com sentido, que agregará novos saberes e formas de pensar subjetivos a cada ouvinte e despertará o interesse destes, na medida em que se identificam com os personagens e fatos narrados.

Neste seguimento, ao contextualizar os contos transmitidos ao seu público alvo e preocupar-se com a compreensão e sentimento de participação e envolvimento deste, o contador de histórias atribui à sua narrativa características do grupo social a quem conta e do próprio grupo do qual faz parte, instruindo seus ouvintes culturalmente a partir de uma ação intencional.

Ademais, para além de apenas contextualizar contos provenientes de outras culturas, é relevante que o contador de histórias e até mesmo os educadores que se servem desta prática para desenvolver suas práticas pedagógicas, valorizem os contos orais locais. Como discutido anteriormente, nós somos resultados das produções dos nossos antepassados. Logo, conhecer nossa cultura é conhecer nossa identidade, compreendendo como chegamos ao estado atual de nossa sociedade e os aspectos que a constituem e, portanto, nos constituem enquanto sujeitos.

Assim, temos que os ouvintes desta história construída com base nos conhecimentos, valores, crenças e outros aspectos culturais que pertencem aos ouvintes como indivíduos componentes de determinado grupo social, estes terão contato com o capital cultural (NOGUEIRA E CATANI, 2007; NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016), estando num processo de ampliação do mesmo.

Neste sentido, Bettelheim (1980) tece uma crítica acerca da superficialidade das histórias infantis, ressaltando a falta de sentido nestas narrativas. O autor afirma que grande parte da literatura infantil tem o objetivo de entreter ou informar, no entanto, denuncia que a falta de significado, de profundo sentido nestas narrativas provoca “aquisição de habilidades, inclusive a de ler [...] destituída de valor” (BETTELHEIM, 1980, p. 12). Assim, ressalta-se a relevância de optar-se por histórias que trazem em si significados, contribuindo para o

desenvolvimento psicológico, afetivo, social e intelectual, sem, porém, negar a natureza artística da prática de contação de história.

Assim, considera-se este significado não apenas como ensino do que é “certo” ou “errado”, mas o conjunto de aspectos que constituem a cultura daquele indivíduo, pois, ao ter contato com os saberes, regras, estrutura social, costumes, linguagens e até atividades artísticas de sua cultura, o sujeito tem a oportunidade de ampliar seu capital cultural, o que favorecerá seu sucesso escolar e profissional (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2016). Dessa forma, uma contação com estas características, carrega significados que auxiliam no desenvolvimento do sujeito, principalmente no desenvolvimento social e intelectual.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica com as literaturas indicadas, o presente artigo buscou percorrer acerca da ação mediadora da contação de história no processo de ampliação do capital cultural analisando-a a partir da sociologia de Pierre Bourdieu. Para este fim, ancorou-se nos autores Nogueira e Catani (2007), Nogueira e Nogueira (2016), Busatto (2003), Bettelheim (1980) e Laraia (2001).

Compreendendo a subjetividade de cada ouvinte e a importância do contato com a cultura deste, admitindo que a aquisição ou a deficiência do capital cultural tem notáveis implicações na vida escolar e, futuramente, profissional do indivíduo, e corroborando com Bettelheim (1980) acerca da relevância do uso de histórias que tenham profundos significados e impactos no desenvolvimento do ser humano, é possível concluir que é necessário que o contador de histórias, ou mesmo o educador que faz uso da contação de histórias em sua prática docente, dê preferência aos contos locais, valorizando a cultura de seus ouvintes, permitindo que estes tenham contato com estes aspectos que os constituem enquanto sujeitos, e contribuindo com o processo de ampliação de seu capital cultural.

### REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BEHRENS, Maria Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas – SP: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BETTELHIEM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 6°. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições.